

A pracinha da Z área: a centralidade do espaço público nas dinâmicas de organização social e cultural de coletivos de artistas precarizados no bairro de Sapiroanga em Fortaleza, Ceará

SILVIA HELENA BELMINO

Doutora. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (PPGCOM/UFC). Coordenadora do Grupo de Pesquisa de Imagem, Consumo e Experiências Urbanas (GICEU). sbelmino@ufc.br

PEDRO SILVA MARRA

Doutor. Professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo (PósCom-Ufes) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto (PPGCOM/UFOP). Coordenador do Ateliê de Sonoridades Urbanas. pedromarra@gmail.com

ANTONIO LAURINDO DE HOLANDA
PAIVA FILHO
antoniolaurindofilho@gmail.com

RESUMO

Este artigo narra os encontros de jovens periféricos na Praça do Final da Linha, localizada no bairro de Sapiroanga, em Fortaleza. Exploramos a praça como um espaço multifacetado e multifuncional, que desempenha diversos papéis essenciais na comunidade, servindo como escritório, palco e local de louvor. Entre 2019 e 2020, diferentes coletivos juvenis e jovens moradores das comunidades do bairro passaram a ocupar a praça, realizando feiras, exposições de filmes, cursos de empreendedorismo e o festival Sapiroanga Sound System, entre outras atividades. Essas iniciativas projetaram artistas locais e foram vinculadas ao debate sobre questões de classe, etnia, gênero e sexualidade. A arte emergiu como a alternativa encontrada por esses jovens para enfrentar desafios como a violência, a ausência de políticas públicas e a vulnerabilidade econômica.

Palavras-chave: coletivos; espaço público; Fortaleza.

ABSTRACT

This article narrates the gatherings of peripheral youth at Final da Linha Square, located in the Sapiroanga, neighborhood of Fortaleza. We explore the square as a multifaceted and multifunctional space that plays various essential roles in the community, serving as an office, stage, and place of worship. Between 2019 and 2020, different youth collectives and young residents of the neighborhood began to occupy the square, organizing fairs, film screenings, entrepreneurship courses, and the Sapiroanga Sound System festival, among other activities. These initiatives promoted local artists and were linked to discussions on issues of class, ethnicity, gender, and sexuality. Art emerged as the alternative found by these young people to face challenges such as violence, the absence of public policies, and economic vulnerability.

Keywords: collectives; public space; Fortaleza.

INTRODUÇÃO

Este artigo versa sobre a forma de organização e ocupação da Praça do Cies (Centro Integrado de Educação e Saúde) por jovens artistas negros e periféricos que transformaram o local em escritório, sala de aula, de prevenção da covid-19 e palco para diversas manifestações artísticas. Este logradouro público - conhecido pelas comunidades da vizinhança como Praça do Final da Linha - situa-se entre a Travessa Damião e a Travessa Nova Jerusalém, de frente para Avenida Evilásio Almeida Miranda, no Bairro Sapiranga, localizado no Sudoeste da cidade de Fortaleza, perímetro da Secretaria Executiva Regional VII. A arte foi a alternativa encontrada para enfrentar as questões de violência, ausência de políticas públicas e vulnerabilidade econômica.

Diferentes coletivos juvenis e jovens moradores das comunidades inseridas no bairro ocupam a praça com feiras, exibição de filmes, curso de empreendedorismo, o festival Sapiranga Sound System, dentre outras ações que projetaram artistas do bairro, vinculados ao debate de questões de classe, etnia, gênero e sexualidade, como Mateus Fazenorock, Gutto, Roberta Kaya e Bakkari, na cena musical do rap, reggae e rock de Fortaleza por meio de perfis no Instagram. As formas de ocupação e compartilhamento da praça pelos habitantes do bairro evidenciam formas de comunicação transversais que organizam a vizinhança em eventos diversos realizados por diferentes coletivos e grupos culturais e religiosos. Desta forma, tais grupos e coletivos juvenis podem ser tomados como uma organização em rede que promove a autogestão em nível local e articula diversidades existentes na Sapiranga.

Sapiranga é um bairro de classe média formado a partir da especulação imobiliária dos anos de 1990, com a construção de condomínios fechados de casas e por 29 comunidades formadas a partir de ocupações de pessoas em situação de vulnerabilidade social em residências precárias, sem pavimentação e sem saneamento básico. O contraste dessas imagens do bairro ressalta a desigualdade socioespacial tão presente na capital cearense e bem representadas nos dados estatísticos de Sapiranga: a renda média da população de 32.158 pessoas distribuída em uma área de 4,77 km² é de R\$ 893,65 por mês e o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é 0,33^[1]. A paisagem do bairro originalmente era de lagoas e manguezal, hoje a Reserva Ecológica Particular da Sapiranga (REP) tornou-se uma amostra do que foi a paisagem natural da área. Essas imagens apagadas pelas construções de condomínios são apresentadas nas composições dos artistas frequentadores da Praça que acompanharam as transformações no bairro. O músico e compositor Mateus explica a importância das áreas naturais para as crianças:

O mangue tá na minha vida, desde pivete. Minha mãe falava pra não ir, mas eu gazeava aula pra ir pro mangue (risos). Na música, eu tentei colocar o contraste das coisas que eu vi sendo apagadas, sabe? Chegou um momento em que eu comecei a sentir falta. Tinha uma lagoa “x” e, agora, tem um condomínio no

lugar. O bairro todo são várias lagoas aterradas que viraram condomínios. Lá a gente (antigamente) se sujava de lama, mergulhava, “frescava”, corria atrás uns dos outros, comia o que a gente achava pelo caminho, pedia água nas casas. No dia da composição eu estava pensando sobre isso, o Plínio foi tocando e eu comecei a escrever palavra por palavra. Comecei a cantar e fui encaixando as coisas. (FAZENOROCK, 2019)

O bairro possui lagoas e mangue, e anteriormente existiam sítios e chácaras, mas, com o crescimento da capital cearense e a ocupação da região sudoeste, tais propriedades foram vendidas. Com isso, a presença do mercado imobiliário e a apropriação de terrenos privados ou públicos por pessoas em situação de vulnerabilidade social se estabelece um dos mais emblemáticos exemplos de segregação socioespacial da capital cearense. De um lado, os condomínios de casas de luxo priorizam a segurança através do isolamento que promove o “enclausuramento” e a sensação de insegurança no ambiente externo, já que reforçam a ideia de que as áreas públicas não são seguras. De outro, as comunidades vivendo em barracos, carentes de serviços públicos, principalmente de segurança, sob o controle das organizações criminosas presentes no bairro, que restringem a circulação de pessoas, o que também agrava a percepção de insegurança, pois limita a liberdade de movimento e contribui para um ambiente de medo e controle. Essa é a realidade de muitas cidades brasileiras que comumente encontra-se em áreas afastadas e sem serviços públicos acessíveis, porém, em Sapiranga, o modelo mencionado produziu um espaço urbano marcado por uma segregação tanto social quanto espacial em seu interior. Isso significa que, dentro do mesmo espaço urbano, em dois lados diferentes da mesma rua, existem divisões claras entre diferentes grupos sociais e áreas físicas, seja por barreiras físicas, como muros e cercas, ou por diferenças socioeconômicas. Sobre isso a análise documental e bibliográfica sobre a produção do espaço de Sapiranga realizado por Cindy Palmeira (2020) aponta:

É preciso deixar claro que, quando os desiguais economicamente ocupam territórios de proximidade geográfica, o que é comum, a segregação socioespacial não se torna inexistente, pelo contrário, os sistemas de segurança urbana ou privada propiciam o aprofundamento dessa segregação. (p. 968)

O Estado, ao investir em áreas ou equipamentos urbanos que acabam sendo apropriados principalmente pela população de maior renda, intensifica os efeitos da segregação para as pessoas menos favorecidas. Isso acontece, de acordo com Palmeira (2020), porque as melhores oportunidades – como acesso a serviços de qualidade, infraestrutura e recursos – são direcionadas para as áreas mais privilegiadas, deixando as populações mais pobres em desvantagem. Em meio a um cenário tão complexo como é Sapiranga, há ainda uma fronteira invisível estabelecida por meio de controle de territórios por grupos de criminosos que disputam espaços na venda de drogas ilícitas no bairro, as facções. Elas se estabeleceram em diferentes áreas periféricas

do Nordeste e Norte do País. Como explica Fábio Paiva (2022), as facções controlam os lugares física e simbolicamente, com isso é possível afirmar que, na periferia de Fortaleza, a sociabilidade dos jovens encontra-se condicionada às facções criminosas, como a GDE (Guardiões do Estado), CV (Comando Vermelho) e dissidentes desses grupos. Viver em um território dominado por uma dessas facções significa que a visão desses jovens sobre a cidade é moldada por essa realidade, influenciando suas decisões sobre onde visitar, trabalhar, encontrar um parceiro amoroso e participar de atividades de lazer. Não pretendemos aprofundar questões relacionadas aos grupos criminosos neste artigo^[2], porém a presença deles no bairro de Sapiranga ressalta a importância da ocupação da Praça do Final da Linha pelos jovens artistas.

Diversos conceitos e autores que investigam as culturas e práticas urbanas podem ser acionados para compreender as dinâmicas de ocupação da Praça do Final da Linha. Ela pode ser percebida como um altar urbano (MAFFESOLI, 2004), "... poderíamos dizer que a megalópole é constituída por uma série de 'altares', onde são celebrados diversos cultos de forte componente estético-ético. São os cultos do corpo, do sexo, da imagem, da amizade, da comida, do esporte etc. O denominador comum é o lugar onde se realiza este culto." (p. 57) De fato, a metáfora é pertinente para se compreender a praça localizada na Sapiranga, pois ela recebe celebrações e pregações da comunidade evangélica que reside no bairro.

Às vezes acontecem as batalhas de rima e culto ao mesmo tempo, acontece também quando a galera traz o baile pra cá né? Tipo, bota o som de carro aqui e ao mesmo tempo fica o som do bar acontecendo, então sempre tem essas meio que conflitos, entre aspas né, mas sempre acontece muita coisa aqui e a galera sempre se respeita, tenta ao máximo não invadir o espaço do outro, deixar o outro ali mais quieto mas as vezes é meio que impossível né, tipo, se você faz uma festa aqui, bota um som de carro aqui, não tem como o bar funcionar com o som ali, então basicamente o bar nem vai botar o som. Então é meio que saber também equilibrar esses movimentos de som. (BAKKARI, 2023)

Para além dessas manifestações religiosas, os altares são lugares emblemáticos da vida cotidiana das grandes cidades, por meio deles se estabelece o processo de socialização e pertencimento.

Todos esses territórios, que é preciso compreender no sentido etológico - esses altares, esses lugares e espaços de socialidade - são compostos por afetos e emoções comuns, consolidados pelo cimento cultural ou espiritual, em suma, existem por e para as tribus que neles escolheram seu domicílio (MAFFESOLI, 2004, p. 59)

O conceito de José Guilherme Magnani (2002) de pedaço colabora na compreensão da ideia de altar, pois o pedaço é espaço intermediário entre a casa (privado) e a rua (público), e pertencer ao pedaço é situar-se em uma peculiar rede de relações, seja de parentescos, vizinhanças ou de participação em atividades comunitárias. É o que se percebe nas práticas de lazer e culturais

que também se dão na Praça do Final da Linha, sejam os festivais de música, sejam os bares e lanchonetes que ocupam as calçadas com mesas para servirem os clientes. O que faz o elo entre os diferentes coletivos de Sapiranga é a praça. Lá os jovens expõem seus mais diferentes desejos corpóreos, econômicos, artísticos e de sobrevivência.

Para Tuan (1983), existe uma diferença entre espaço e lugar; o primeiro como um local de liberdade, e o segundo como um local de segurança. A Praça do Final da Linha materializa uma ambiguidade entre estas dimensões, na medida em que pode ser considerada um lugar, pois as comunidades circunvizinhas a percebem como um local de segurança e, também, como um espaço de liberdade, por permitir que ocorram as mais diferentes manifestações. No caso de Sapiranga, são as experiências de uso que orientam a definição da localidade. A ocupação dos jovens materializou tanto a segurança quanto a liberdade criativa. Na pesquisa "Sonoridades de Fortaleza", buscamos compreender como as valências trazidas por estes três conceitos – lugar como segurança, espaço como liberdade e pedaço como pertencimento – convergem nos modos como as comunidades periféricas de Fortaleza habitam a cidade. A partir da discussão das ideias de Michel de Certeau (1999), compreendemos o habitar como as práticas de ocupação do espaço urbano por aqueles agentes que pretendem nele se fixar e permanecer. Habitar, portanto, envolve ações que tornam o território um espaço próprio, o que demanda um conhecimento íntimo do local, ao ponto de reconhecer a mínima mudança que ali se dá.

Habitantes de regiões precarizadas de Fortaleza apresentam uma categoria nativa para descrever os locais e comunidades em que residem, no que diz respeito às diferentes valências que os conceitos apresentados acima parecem possuir. Quando falam das regiões em que vivem, empregam a palavra 'zárea', a fim de remeter a um espaço que lhes é próprio, que conhecem nos mínimos detalhes e que é regido por redes de sociabilidade e proximidade locais das quais pertencem e são responsáveis por estabelecer e manter. Pertencer a uma zárea significa saber os seus caminhos e percursos, identificar tanto os elementos sensíveis - sons, imagens, cheiros, narrativas - que delimitam os momentos de segurança e perigo do local, quanto as outras pessoas que ali vivem, estão de passagem, ou são completamente desconhecidas dos moradores - e que, portanto, deveriam estar sempre acompanhadas por um de seus habitantes. Implica também saber em que outras záreas - vizinhas ou distantes - pode-se ou não transitar sem riscos. O termo êmico zárea, neste sentido, descreve tanto um território, quanto um coletivo de pessoas, como uma epistemologia incorporada a partir da qual os habitantes de uma determinada região precarizada se relacionam entre si, com o Estado e com as organizações criminosas que atuam localmente como para-Estado. Zárea torna-se uma palavra-chave, portanto para se compreender a organização coletiva e as estratégias de comunicação locais para mobilização e convivência de seus habitantes e coletivos.

Tais grupos sociais e culturais, bem como coletivos periféricos, costumam se organizar de maneira pouco institucionalizada, em redes locais articuladas de acordo com as demandas do momento, o que forma laços por vezes momentâneos e que se fazem e refazem de acordo com a ocasião e o tempo. A pesquisadora Sônia Acioli (2007) explica que a noção de redes sociais extrapola aquela consagrada ao estudo das tecnologias digitais de informação e produz uma compreensão de uma organização social em forma de teia ou tecido comum, formado por fios e ligações que se entrecruzam e articulam os diferentes agentes que compõem uma sociedade. Por estes laços trafegam fluxos - de informação, de símbolos, econômicos, políticos, entre outros - movimentos estes que efetivamente conectam os agentes em questão e que estabelecem a força e durabilidade da ligação: quanto mais constante e intensas forem as trocas estabelecidas, mais forte será o laço articulado. Redes sociais são ainda pouco institucionalizadas e associam os indivíduos ou agentes em relações mais horizontais e diretas, por vezes variáveis e possíveis de reinterpretção. A autora afirma ainda que a noção de rede social emerge na Antropologia e que foi empregada por pesquisadores como Lévi-Strauss, para pensar as estruturas elementares de parentesco, por exemplo.

Observar as trocas torna-se fundamental para compreender a formação e manutenção de redes sociais. Paulo Henrique Martins (2006) lembra que o sistema de dádivas - como pensado por Mauss e posteriormente desenvolvido por outros autores - fornece uma obrigação social que baseia as alianças e acordos que sustentam uma rede. Afinal, ao determinar uma regra do dom - que estabelece dinâmicas de dar, receber e retribuir - a dádiva constrói relações de amizade, camaradagem, parceria ou fidelidade entre agentes que apostam que o ciclo de trocas se mantenha. Se, como afirma Ilse Scherer-Warren (2011), na contemporaneidade as lutas sociais passam por reivindicações cada vez mais plurais - ou seja, que envolvem dimensões diversas e múltiplas do *self*, como de gênero, de classe, étnicas, regionais, de valores ou de opções políticas - é natural que movimentos sociais, grupos culturais e coletivos da periferia se articulem também em rede, a fim de estabelecer trocas e afinidades que possam potencializar, fazer convergir e conferir durabilidade às conquistas de cada um deles. Nestas redes, a dádiva constitui

diálogo da diversidade de interesses e valores”. Ainda que esse diálogo não seja isento de conflitos, o encontro e o confronto das reivindicações e lutas referentes a diversos aspectos da cidadania vêm permitindo aos movimentos sociais passarem da defesa de um sujeito identitário único à defesa de um sujeito plural (SCHERER-WARREN, 2011, p. 115-116).

Neste sentido, um logradouro como a Praça do Final da Linha pode ser compreendido como um ponto central da z área em que se localiza, extremamente capilarizado e conectado com os diversos agentes, grupos culturais e coletivos que habitam a Sapiroanga, na medida em que sedia ações, ocupações e eventos de todos esses grupos, que se comunicam entre si para compartilhar

ou disputar o espaço. A Praça do Final da Linha pode ser vista metaforicamente ela própria como a sede de uma organização local; central para os habitantes da z área, ao fomentar ou catalisar a comunicação e o encontro entre as diversidades que compõem a Sapiranga. Este trabalho pretende explorar a Praça do Final da Linha como um lugar multifacetado e multifuncional, que desempenha vários papéis importantes na comunidade entre eles:

- 1) Escritório: serve como espaço de trabalho, onde profissionais podem realizar suas atividades administrativas e operacionais.
- 2) Palco: a praça também funciona como um palco para apresentações culturais, artísticas e eventos comunitários, proporcionando um local para expressões criativas e entretenimento.
- 3) Espaço de Louvor: este local é utilizado para atividades religiosas e espirituais, permitindo que a comunidade tenha um espaço dedicado ao louvor e à meditação.

A combinação dessas funções torna a Praça do Final da Linha um ponto central para diversas atividades, reforçando a coesão social e a interação comunitária. Este trabalho pretende identificar os agentes, grupos sociais e coletivos culturais juvenis que a ocupam e disputam, bem como narrar as ações e eventos que dão materialidade às relações de comunicação que organizam estes processos.

NO FINAL DA LINHA, HAVIA UMA PRAÇA



FIGURA 1: Praça do Final da Linha, Sapiranga, Fortaleza.

A Praça do Final da Linha é pequena, cerca de 100 metros quadrados de área, porém tem um valor simbólico significativo para os jovens das comunidades que a utilizam para diferentes finalidades. É um local arborizado e ventilado com uma quadra de futsal, um pequeno palco e, em volta, alguns bares, restaurantes, pizzaria e residências. Um pequeno *food truck* que comercializa sanduíche fica em uma ponta da praça e, na outra ponta, um *food truck* que vende pastel, esses são os dois comércios fixos na praça.

Além dos distintos modos de uso do espaço – feira, pregação e escolinha de futebol infantil – ela foi ocupada como espaço de resistência por jovens preocupados com a situação de violência e falta de oportunidade para pessoas negras e pobres das favelas de Fortaleza. O espaço simbólico ocupado pelos moradores é descrito pelo rapper Bakkari, morador da comunidade do Alecrim, como:

[...] um dos lugares mais movimentados aqui do bairro em questão de comércio, questão familiar, muito ambiente familiar aqui em volta, tem os bares, lojas, lanchonetes, tem as barraquinhas de comida também, algumas ainda não abriram, né, devido o horário, mas tem umas que já tão abrindo. Tem a galera aqui que fica jogando bola na quadra, e aqui é onde acontece algumas festas do bairro, onde já ocorreu o Sapiranga Sound System, que é um evento voltado para comunidade em que se trazia rock, rap, reggae, brega funk, tudo isso a gente sempre fazia uma edição especial. Aqui também tem aquelas serestas, que acontece também nos sábados, sextas-feiras, e às vezes tem também batalha de rima, culto, enfim, tudo basicamente acontece aqui, bem diverso o espaço. (BAKKARI, 2023)

Já para Vinicius Pires, conhecido como Vini, produtor cultural, estudante de jornalismo e também morador do Alecrim, a ocupação da praça por diversos coletivos da cidade transformou o local:

Era um bairro bem complicado mesmo, tinha briga, tinha briga entre as próprias favelas dentro do bairro, não era nem questão de facção [2]. E aí era muito difícil, porque as crianças não estavam mais na praça, pessoas saíam da escola porque não podiam ir pra outro, pra outro local por conta dessa briga. E aí que resolveu trazer esse coletivo pra dentro do bairro, na época que tinha vários coletivos aqui na cidade. (PIRES, 2022)

No ano de 2019, Mateus Fazenorock e Vini criaram o festival Sapiranga Sound System, que levou música e cultura de favela ao bairro. O evento reuniu diferentes manifestações culturais em quatro edições - Rap, Rock, Brega Funk, Reggae e Forró entre 2019 e 2020. Interrompido durante a pandemia, o festival, posteriormente, foi replicado com outro nome em outros lugares da cidade, como Festival Slam Laje e Slam Sereno na barraca "Foi Sol" no Pirambu, bairro localizado no litoral leste de Fortaleza. O projeto Sapiranga Sound System procurou promover a cultura e a música local, dando oportunidades para jovens músicos da comunidade da Sapiranga e de outros bairros periféricos da capital cearense se apresentarem e divulgarem seu trabalho. Durante as quatro edições, contou com apresentações musicais, sessões de cinema e festas de

pré-carnaval. Dentre os artistas que se apresentaram no Sapiranga Sound System, destacam-se Bakkari, Mateus Fazeno Rock, Roberta Kaya, Má Dame, 6utto, Carú Lina e Mumu. Esses artistas, que hoje são reconhecidos na cena musical de Fortaleza, tiveram a oportunidade de mostrar seu talento e se inserir no circuito cultural da cidade por meio do projeto.

É tem um, tem uma galera que eu vejo daqui, que a gente é uma nova, uma nova geração, um, um renovo do que o bairro era. É assim que eu vejo. E quando, quando surgiu, é... Porque quando, quando acabou essa guerra entre gangues do bairro, assim, dentro do bairro, ficou aquela incógnita, tipo “O que que vai ter agora? O que que vai vir agora?” O, é, se abriu um espaço pra criar algo novo. Mas ninguém sabia o que ia fazer, e ninguém é... havia tomado a frente de fazer algo, de ocupar a mente daqueles jovens ali, de uma, perdão. É, de uma forma que ele fosse pensar em outras coisas, pensar em outras alternativas. E foi criado também o projeto inicialmente pela gente, que foi o projeto do Sapiranga System, que agora tá parado devido a pandemia, mas onde a gente se juntava na Praça do Final da Linha que tem aqui e a gente realizava alguns eventos. No primeiro evento a gente realizou, teve apresentação minha e do Mateus. (BAKKARI, 2021)

O segundo evento Sapiranga Sound System foi a noite do Reggae com a apresentação da Roberta Kaya e a banda Outra Galera. Depois o Brega Funk com a Princesinhas do Passinho e a quarta edição foi a noite do forró. Os organizadores do festival foram jovens entre 23 e 27 anos moradores de comunidades que estão inseridas no bairro de Sapiranga, como Mateus, 6utto, Bakkari, Roberta Kaya, Vinicius Pires e por artistas provenientes de bairros também periféricos, como Edson Queiroz, Sabiaguaba, Parangaba, Quintino Cunha e Pirambu - como Mumu, Má Dame, Carú, Outra Galera e as princesinhas do passinho. Eles se declaram negros ou pardos, gays, lésbicas, travestis e transgênero. Estudaram em escolas públicas, receberam financiamentos do governo federal para cursarem faculdades particulares e alguns ingressaram em universidades públicas. A diversidade compõe o grupo seja sexual, ou raça ou de gênero musical - hip hop, rock, reggae, funk, mpb, entre outros. Como lembra Maffesoli (2004), o lugar faz o elo, portanto, a praça na sua simplicidade alimenta os sonhos, resistências e insere esses jovens nas cenas musicais da cidade.



FIGURA 2: Pré-carnaval da Sapiranga, Coletivo Dazaria.

Projetos como o Sapiranga Sound System evidenciam um caráter de rede de movimentos - ainda que aqui não nos refiramos a movimentos sociais institucionalizados - quando percebemos a diversidade de atravessamentos sociais, culturais, étnico-raciais, de classe, gênero e sexualidade que cruzam as trajetórias dos artistas envolvidos. Em sua maioria, os músicos que se apresentaram nas edições do evento são negros e pardos, oriundos de classes baixas, moradores de diferentes bairros precarizados de Fortaleza. Há participantes, como Mumu, Má Dame e Kaya, que são artistas LGBTQIAPN+. Cada artista traz em seu corpo e trabalho marcas destes atravessamentos, por isso sua obra pode ser considerada ativista em relação a estes temas e questões, ao, não só conferir visibilidade e audibilidade a elas, mas também ao tensioná-las, bem como ao compartilhar e potencializar eventuais ganhos entre artistas que se envolvem em lutas convergentes. O Sapiranga Sound System configura-se, portanto, como uma aliança entre diferenças como forma de enfrentamento a um estado comum de precariedade enfrentado por integrantes do projeto. Constitui-se como uma rede em que a diversidade cria laços para otimizar recursos, articular demandas e compartilhar conquistas.

A realização do projeto na Pracinha do Fim da Linha destaca este logradouro como uma importante centralidade cultural para as periferias de Fortaleza. A geógrafa Alice Beuf denomina centralidade

como uma propriedade polarizadora dos centros urbanos, se usa o conceito de centralidades para referir-se a lugares que não necessariamente correspondem aos centros urbanos. [...] lugares com capacidade de polarização de natureza

variada (econômica, política) e de alcances diversos, que são mais ou menos reconhecidos pelas autoridades e habitantes. (BEUF, 2016, p. 201)

Neste sentido, uma metrópole possui diversas centralidades, que, por suas características, econômicas, sociais ou culturais, atraem e fazem se locomover os habitantes da cidade, em busca das oportunidades que estes locais oferecem. A ideia de centralidade rompe com a dicotomia centro-periferia, já que uma grande cidade produz, em suas dinâmicas urbanas um sem-número de centralidades em escalas diferentes - locais, regionais, metropolitanas, etc. – muitas delas localizadas em regiões que não correspondem ao seu centro político e administrativo. Pelo contrário, podem estar localizadas também em bairros distantes, precarizados, de menor renda, ou seja, exatamente em regiões que certa lógica urbanista costuma denominar periferia. O posicionamento de uma centralidade em uma área precarizada não necessariamente implica que ela não corresponda social ou economicamente ao seu entorno. Pelo contrário, ela concentra recursos, oportunidades, trajetos, entre outros valores, que são importantes para estas populações precarizadas. O que é definitivo para uma centralidade não é sua localização, mas a mobilidade que fomenta, uma locomoção que traz para este espaço habitantes do entorno, bem como de outros bairros ou regiões da cidade. Como os eventos culturais e artísticos que se dão na Pracinha do Fim da Linha – nome que traz exatamente um marcador de mobilidade – trazem apresentações de músicos e musicistas oriundos de diferentes regiões precarizadas de Fortaleza, que por sua vez atraem seus e suas fãs também provenientes de outros bairros, ela constitui-se como uma centralidade para esta população.

OS COLETIVOS NAS FAVELAS

Os coletivos são formas de organizações com marcas, produtos e missão, compostos usualmente por jovens que atuam na realização de atividades criativas e econômicas comuns e que aproveitam afinidades para potencializar o que cada um de seus membros realiza. Muitos coletivos juvenis ao redor do país são compostos por populações precarizadas, que se reúnem para coordenar demandas, tarefas e outros “corres”, como forma de otimizar os recursos parcos de que dispõem para conseguir concretizar seus projetos. O Sapiranga Sound System e as ocupações da Praça do Final da Linha foram organizados e posteriormente envolveu, incubou ou levou à criação de diversos coletivos dessa natureza em espaços precarizados de Fortaleza. A pesquisadora Gloria Diogenes, que por duas décadas estuda as práticas e culturas juvenis periféricas da capital cearense, percebeu

que, muito embora as pesquisas realizadas pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) em 2019 apontem a ampliação de 23% da juventude denominada “nem, nem, nem” (não estuda, nem trabalha, nem pretende voltar a trabalhar e estudar), nota-se também que jovens precarizados que buscam formas de sobrevivência em ocupações diversas se organizam em ações culturais e artísticas não institucionalizadas e baseadas no cotidiano e realidade das localidades que habitam. Assim, em contraposição aos jovens precarizados “nem, nem, nem”, “identifica-se um incremento de experiências juvenis criativas, que emergem de vivências de rua e que acontecem, no geral, sem a mediação de agentes “externos” ou sem o protagonismo direto deles” (DIÓGENES, 2020, p. 374). Em alguns depoimentos coletados durante a pesquisa de campo, os jovens de Sapiranga envolvidos nas atividades criativas aqui descritas também frequentam universidades ou trabalham como garçons, operadores de telemarketing ou auxiliar administrativo.

A gente usa a nossa arte, a nossa música para tentar mostrar para pelo menos, assim, o meu intuito é mostrar que os pivete lá da minha área eles podem alcançar tudo, sabe?! Tipo igual eu consigo, igual o Lucas saiu. Tipo, a gente cresceu junto, de criança, e na música a gente encontrou um caminho e eu acredito que a gente mostra nesse caminho que você gosta também é uma parada muito legal. (GUTTO, 2021)

Nessa linha de experiências criativas apontadas por Diógenes (2020), podemos compreender o Coletivo Dazaria, formado por jovens de Sapiranga, que utiliza o espaço da Praça do Final da Linha para “movimentar o bairro através do lazer, sustentabilidade e formação de moradores, sem nenhum fim lucrativo”, como eles se apresentam no perfil do Instagram. Eles recebem apoio da comunidade para ações que mesclam saúde, arte e feiras.

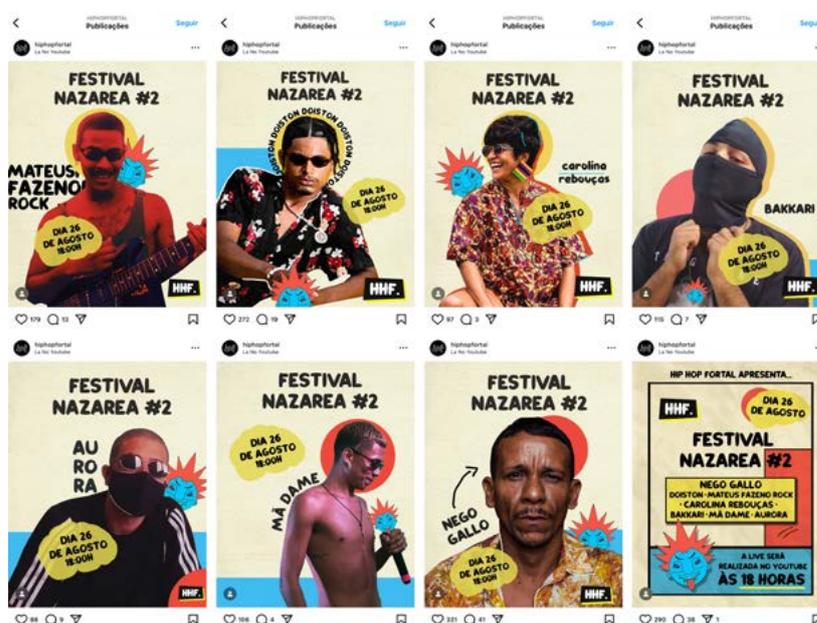


FIGURA 3: Publicações de divulgação do Festival NaZarea #2, Hip Hop Fortal.

Outro coletivo importante na ocupação da Praça do Fim da linha é o Hip Hop Fortal, responsável pela comunicação e divulgação dos artistas do Hip Hop da cidade. Criado em 2019 por Vinicius Pires, o grupo procurou auxiliar as ações dos artistas, principalmente durante a pandemia da covid-19, com a divulgação dos eventos online, como Festival NaZarea #2. Naquele momento, tanto as ações de prevenção contra a doença quanto alternativas para garantir as subsistências dos artistas foram divulgadas pela página no Instagram. Sobre isso Vini explica:

O Hip Hop, Hip Hop Fortal é uma página que movimentava a cultura do Hip Hop na cidade, né? É tipo como se fosse uma vitrine mesmo, sabe? A gente quer mostrar que existe muito, muito, muito talento aqui na cidade e se eu for passar exemplos aqui, eu passo o dia inteiro falando sobre todo mundo, porque é uma galera muito, muito boa. E aí foi quando a gente começou a divulgar e fazer eventos também durante a pandemia, que foi quando tipo ninguém sai de casa, tava todo mundo dentro de casa trancado naquela ansiedade, né? Aquele, aquela incerteza de saber o que é que vai acontecer, a pandemia vai passar em dois anos, pra gente era muito tempo e passou muito rápido também, mas na época era muito tempo, mano não vou ficar dois anos em casa trancado. E aí a gente precisava fazer alguma coisa, alguma articulação, porque a gente não podia sair pra rua e aí foi quando a gente fez o festival “NaZarea” que foi um festival que a gente fez lá no bairro Sapiranga, a gente juntou uma equipe totalmente periférica que a gente conhecia, a gente fez uma live, é... (PIRES, 2022)

Além do Hip Hop Fortal, Vini possui o perfil Vet di Fortal^[3] que presta assessoria de imprensa e de marketing para os artistas. Durante os eventos, produziu material de divulgação e conseguiu prêmios com os comerciantes locais para agraciar os vencedores das batalhas rap. Ele hoje organiza vários shows com os artistas das áreas precarizadas de Fortaleza em referências culturais importantes da cidade, como o Centro Cultural Dragão do Mar e a Estação das Artes.



FIGURA 4: Formação sobre empreendedorismo e marketing digital, Coletivo Dazaria.

A análise das dinâmicas que marcam a praça do bairro Sapiranga, em Fortaleza, revela a importância das organizações comunitárias como estruturas sociais de impacto significativo. Essas organizações, representadas nas redes sociais por perfis como o Coletivo Dazaria, Sapiranga Sound System e Hip Hop Fortal, utilizam plataformas digitais para promover a cultura local, mobilizar recursos e organizar atividades que fortalecem os laços comunitários. A partir da observação de seus conteúdos no Instagram, é possível identificar práticas de comunicação organizacional que não apenas ampliam a visibilidade dessas organizações, mas também desempenham um papel central na coesão social e no fortalecimento da identidade coletiva de bairros e comunidades.

O perfil do Coletivo Dazaria^[4] destaca-se pela promoção de eventos culturais, oficinas e iniciativas voltadas para o empoderamento da comunidade da Sapiranga. O coletivo opera com uma lógica de comunicação horizontal, onde o engajamento comunitário é essencial. A utilização da comunicação digital para mobilizar e organizar atividades locais evidencia o papel estratégico da comunicação organizacional na manutenção da coesão social e no fortalecimento dos laços comunitários. Através dessas práticas, o Coletivo Dazaria se posiciona como uma estrutura social que promove a participação ativa dos moradores e amplifica sua voz, tanto dentro do bairro quanto em outras esferas.

De forma semelhante, o perfil do Sapiranga Sound System^[5] ilustra como a música e a cultura urbana podem se tornar ferramentas poderosas de transformação social. Este perfil, dedicado à promoção de eventos de sound system e à difusão da cultura reggae, atua como um canal de comunicação e organização para a juventude periférica. A criação de uma identidade coletiva em torno da música é central para a mobilização e união dos jovens da Sapiranga, refletindo o impacto da comunicação organizacional na construção de uma marca comunitária. O Sapiranga Sound System não apenas organiza eventos culturais, mas também influencia a forma como os jovens se percebem e interagem com seu entorno social, consolidando sua relevância como agente de mudança na comunidade.

O perfil Hip Hop Fortal^[6], por sua vez, utiliza o Instagram para promover a cultura hip hop em diferentes regiões da capital cearense, com ênfase em eventos de rap, grafite e dança. A comunicação digital aqui se manifesta como um meio de expressão e articulação de demandas sociais, especialmente para os jovens da periferia. O Hip Hop Fortal funciona como uma plataforma que oferece voz e visibilidade a grupos marginalizados, utilizando a comunicação organizacional para fortalecer a identidade e a coesão do movimento hip hop na cidade. Dessa forma, o perfil não apenas organiza eventos culturais, mas também desempenha um papel fundamental no empoderamento comunitário e na organização social de bairros e grupos.

Esses três perfis do Instagram exemplificam como as organizações comunitárias periféricas de Fortaleza utilizam as plataformas digitais para construir identidades coletivas, mobilizar

recursos e organizar atividades que impactam significativamente a dinâmica social e cultural. A comunicação organizacional emerge, assim, como um elemento crucial na operação dessas organizações independentes, contribuindo para o fortalecimento dos laços sociais e para a transformação do espaço urbano periférico em um local de resistência e expressão cultural. Ao posicionarem-se como estruturas de impacto organizacional, esses coletivos reafirmam a relevância das práticas comunicativas na construção de uma rede local mais coesa e participativa.

Finalmente, nota-se como a ação dos agentes dentro da rede, fomentando coletivos, ações, páginas na internet e perfis em plataformas digitais, retroalimenta e expande a própria rede, fomentando a criação de novos agentes, coletivos e canais de comunicação. Os laços constituídos pela colaboração e participação desses jovens periféricos, nos projetos e festivais uns dos outros apresenta assim um caráter proliferante, na medida em que a lógica da dádiva - dar, receber, retribuir - que fomenta a ação nas redes estimula que uma ação, uma participação, um convite, etc. estimula novas ações, participações e convites, etc. Assim, a rede constituída pelos coletivos e agentes precarizados pode se expandir - quando novos laços são criados, sem que antigos sejam desfeitos - ou se manter, apesar dos poucos recursos - quando novos laços são criados e ocupam o lugar de agentes que deixam de existir ou atuar, devido a emergência de novas demandas, ou mesmo necessidades materiais que afastam algum agente da movimentação cultural, por necessidade de mais tempo para trabalhar e se sustentar. No entanto, nada impede que, no futuro, este agente que deixa o coletivo retorne, quando dispor de mais tempo ou recursos para doar à rede de coletivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Articulando artistas provenientes de diferentes regiões precarizadas da cidade de Fortaleza, eventos como o Sapiranga Sound System e a Praça do Final da Linha compõem e territorializam uma rede de coletivos que agregam diversidades de classe, raça, gênero e sexualidade que habitam a cidade de Fortaleza, capital do Ceará. As formas de comunicação organizacional empregadas para reunir músicos provenientes de diferentes regiões de classe baixa da cidade envolvem comunicação face a face, redes locais de sociabilidade, plataformas digitais e dinâmicas próprias aos circuitos articulados pela música. Estes projetos e coletivos tornam-se formas não só de garantir visibilidade e audibilidade a estes artistas e suas questões, mas também operam em uma lógica de dádiva - dar, receber, retribuir - a partir da qual otimizam recursos, compartilham

demandas e lutas ou potencializam ganhos. Os laços então constituídos se fazem e refazem de acordo com as necessidades e os grupos que agregam não necessariamente se institucionalizam. Hoje, a Pracinha do Fim da Linha mostra-se uma centralidade para os músicos, seu público, coletivos e outros grupos sociais e culturais aqui tratados. Amanhã, os coletivos podem ser outros e as centralidades que lhe dão lugar podem ter se deslocado para outros espaços da cidade. O futuro desses artistas, coletivos e suas formas de comunicação organizacional e espaços depende de suas ações, as quais muitas vezes são realizadas sem apoio institucional ou de recursos materiais. Neste sentido, sua persistência remete a posições de resistência ou resiliência cultural. No entanto, quando parecem desaparecer, apenas para reaparecer tempos depois em outras regiões, com outros formatos e envolvendo outros agentes, tais artistas, coletivos, projetos e formas de comunicação organizacional mostram suas possibilidades insurgentes, ao instituir novas territorialidades, novas articulações em rede e novas sensibilidades estéticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GUTTO. *Fortaleza em Música: Gutto*. [Entrevista concedida a] BELMINO, Silvia Helena. No prelo. Fortaleza, 2021.
- ACIOLI, Sônia. *Redes sociais e teoria social: revendo os fundamentos do conceito*. Informação & Informação, Londrina: Universidade Estadual de Londrina, v. 12, n. 1 esp., p. 8-19, 2007.
- BAKKARI. *Fortaleza em Música: Bakkarri*. [Entrevista concedida a] BELMINO, Silvia Helena. No prelo. Fortaleza, 2021.
- BAKKARI. *Sonoridades de Fortaleza: Bakkarri*. [Entrevista concedida a] BELMINO, Silvia Helena; MARRA, Pedro Silva. No prelo. Fortaleza, 2023.
- BEUF, Alice. *Las centralidades urbanas como espacios concebidos: referentes técnicos e ideológicos de los modelos territoriales del Plan de Ordenamiento Territorial (POT) de Bogotá (Colombia)*. Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana de Geografía, Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, v. 25, n. 2, p. 199-219, 2016.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes do fazer*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- DIÓGENES, Glória. *Cidade, arte e criação social: novos diagramas de culturas juvenis da periferia*. Revista Estudos Avançados, São Paulo: Universidade de São Paulo, v. 34, n. 99, p. 373-389, 2020.
- FAZENOROCK, Mateus. *Fortaleza em Música: Mateus Fazenorock*. [Entrevista concedida a] BELMINO, Silvia Helena. No prelo. Fortaleza, 2019.

- MAFFESOLI, Michel. *Notas sobre a pós-modernidade: o lugar faz o elo*. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2004.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, v. 17, n. 49, p 11-29, 2002.
- MARTINS, Paulo Henrique. *As redes sociais, o sistema da dívida e o paradoxo sociológico*. Caderno CRH, Salvador: Universidade Federal da Bahia, v. 17, n. 40, p. 33-48, 2004.
- PALMEIRA, Cindy Rebouças. *Produção de bairros segregados socioespacialmente: uma análise a partir do bairro Sapiroanga, Fortaleza, Ceará*. Cadernos Metrôpole, São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, v. 22, n. 49, p. 963-981, 2020.
- PAIVA, Luiz Fabio Silva. *O domínio das facções nas periferias de Fortaleza/CE*. Revista TOMO, São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, n. 40, p. 87-122, 2022.
- PIRES, Vinicius. *Fortaleza em Música: Vinicius Pires*. [Entrevista concedida a] BELMINO, Silvia Helena. No prelo. Fortaleza, 2022.
- SCHERER-WARREN, Ilse. *Das mobilizações às redes de movimentos sociais*. Sociedade e Estado, Brasília: Universidade de Brasília, v. 21, n. 1, p. 109-130, 2011.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

-
- [1] Dados fornecidos pela plataforma Fortaleza em 121 Bairros, do Instituto de Planejamento (Ipplan) da Prefeitura Municipal de Fortaleza, 2024. Disponível em: <https://mapas.fortaleza.ce.gov.br/>. Acesso em: 17 jul. 2024.
 - [2] Ver trabalhos sobre as facções nas periferias de Fortaleza/CE, de Luís Fábio Silva Paiva, de 2014, 2019 e 2022.
 - [3] Conferir em: <https://www.instagram.com/vetdifortal>.
 - [4] Conferir em: <https://www.instagram.com/coletivodazaria>.
 - [5] Conferir em: <https://www.instagram.com/sapirangasoundsystem>.
 - [6] Conferir em: <https://www.instagram.com/hiphopfortal>.